


# A pneumatologia da ação de José Comblin: sua contribuição “original” à teologia<sup>1</sup>

*The Pneumatology of Action by José Comblin: His "Original" Contribution to Theology*

Alzirinha Rocha de Souza <sup>[a]</sup> 

São Paulo, SP, Brasil

Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP)

**Como citar:** SOUZA, A. R. de. A pneumatologia da ação de José Comblin: sua contribuição “original” à teologia. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 01, p. 167-178, jan./abr. 2025. doi.org/10.7213/2175-1838.17.001.DS11

## Resumo

Segundo Yves Congar<sup>2</sup>, até o Concílio Vaticano II, houve um esquecimento do Espírito pela teologia ocidental. A difícil superação de um cristomonismo, em que tudo era visto e demonstrado à luz da centralidade na pessoa de Jesus, muito nos fez atrasar a reflexão sobre o Espírito e sua ação no mundo. No contexto latino-americano, à luz do Concílio Vaticano II e da recuperação tanto da centralidade humana como da categoria da História, ambas retrabalhadas pela hermenêutica da TdLib (Teologia latino-americana da Libertação), teólogos<sup>3</sup> assumem a tarefa de pensar uma pneumatologia local. Neste artigo, pensando notadamente em pesquisadores e interessados pelo pensamento de José Comblin, deter-nos-emos a apresentar de forma estruturada os principais elementos de articulação e construção

<sup>1</sup> Este texto foi originalmente produzido para a conferência A pneumatologia em José Comblin, durante o IV Congresso Internacional de Teologia e o XVII Congresso de Teologia (Graduação) na PUC-PR, em 03/10/2023. Como, por razões de luto pessoal, eu não pude participar, ofereço agora em formato de artigo – portanto, mais ampla e aprofundada – a reflexão preparada para aquele momento.

<sup>2</sup> CONGAR, Y. *Creio no Espírito Santo I: revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 208.

<sup>3</sup> Notadamente os autores Victor Codina SJ (1931-2023) e Manuel Hurtado SJ (Universidad Católica Boliviana).

[a] Leiga, Teóloga. Graduação em Teologia PUC/SP, Mestre em Teologia pela Universidad San Dámaso, Madrid, Dra em Teologia pela Université Catholique de Louvain, Bélgica. Pós-Doutorado pela Universidade Católica de Pernambuco / UNICAP. Membro da Société Internationale de Théologie Pratique. Coordenadora do Observatório Eclesial Brasil. Atualmente é professora e pesquisadora do Instituto São Paulo de Estudos Superiores - ITESP, e-mail: alzirinharsouza@gmail.com

teológica que pautam sua pneumatologia e a forma original como se propõe a explicitar “como” o Espírito Santo age e estrutura a História, a Igreja e a práxis cristã.

**Palavras-chave:** José Comblin. Pneumatologia. Práxis cristã. História. Discernimento.

## Abstract

*According to Yves Congar, until the Second Vatican Council, Western theology largely neglected the Holy Spirit. The difficult process of overcoming a Christomonism—where everything was viewed and demonstrated in light of the centrality of Jesus—significantly delayed theological reflection on the Spirit and His action in the world. In the Latin American context, following the Second Vatican Council and the recovery of human centrality and the category of history, reworked through the hermeneutics of Latin American Liberation Theology (TdLib), theologians have taken on the task of developing a Latin American Pneumatology. This article, particularly aimed at researchers and those interested in the thought of José Comblin, seeks to systematically present the main elements of the theological articulation and construction that shape Pneumatology. Furthermore, it explores the original way in which Comblin proposes to elucidate how the Holy Spirit acts and structures History, the Church, and Christian praxis.*

**Keywords:** José Comblin. Pneumatology. Christian praxis. History. Discernment.

---

## Introdução

A obra teológica de José Comblin apresenta algumas características marcantes que precisam ser percebidas para que se possa compreendê-lo em profundidade. A primeira faz referência à sua contextualidade. Não é possível compreender seu pensamento sem saber onde ele estava, o que se passava no mundo e na realidade eclesial, e qual era o momento teológico. Era como se ele perguntasse a si mesmo: “Como produzir teologia sem considerar todos esses elementos?”. Já a segunda passa pela compreensão de sua caminhada pessoal e pelo exercício de suas práticas enquanto presbiteral, missionário, docente e – o mais importante – no ministério de ser um cristão atento às realidades e às transformações do mundo. Finalmente, em termos mais técnicos, a última característica faz referência à sua profundidade intelectual teológica e espiritual, em que se baseava para produzir suas obras.

De outra forma, Comblin não é um autor que desenvolve sua teologia unicamente como a arte de articular conceitos. Antes, ele a realiza conjugando a arte da fé assumida à realidade da vida vivida, em favor daqueles que se tornam os destinatários de sua teologia: os pobres latino-americanos. Realizando um giro hermenêutico e epistemológico ao chegar à América Latina em 1957, dedica sua vida à partilha com homens e mulheres do continente, tendo em vista um interesse prioritário: formá-los para que fossem sujeitos no processo de *evangelização de forma profética* nos meios desfavorecidos, de modo que, impulsionados pelo Espírito Santo, assumissem a evangelização do testemunho a partir de sua atuação no mundo, dentro e fora da Igreja.

Foi um eterno *encantado pelo humano*, não somente porque era um observador nato, mas porque gostava de estar com pessoas, buscando compreender seus modos de viver, pensar e agir. Em definitivo, não era um teólogo que teorizava sobre o humano; colocava as pessoas como centro de sua teologia: era *a partir* delas e *para* elas que pensava. À luz de sua formação intelectual, marcada pela Teologia das Realidades Terrestres de seu professor Gustave Thils<sup>4</sup> e pelos estudos sobre a História de Frederick Heer<sup>5</sup>, Comblin busca, como expresso em GS 1, articular as alegrias e tristezas dos homens (e mulheres) de todos os tempos e o coração da Igreja com sua teologia.

É neste escopo que Comblin constrói sua pneumatologia: articulando a ação do Espírito Santo à ação humana. Compreendendo a forma personalista da História como espaço que se inicia na criação e segue permeando o tempo, construída pela ação conjunta de Deus e da humanidade, nosso autor explicita de forma original “como” se dá essa relação mútua de práxis: a partir do Espírito Santo.

Neste artigo, pensando especialmente em pesquisadores e interessados pelo pensamento do autor, apresentamos o que ele mesmo classifica como a originalidade de seu pensamento, que permeou sua obra desde 1964 – com a publicação de *Le témoignage et l'Esprit*<sup>6</sup> – até sua morte, quando deixou inacabada a obra publicada postumamente *O Espírito Santo e a tradição de Jesus*<sup>7</sup>. Por isso, trataremos de apresentar, de forma estruturada, os principais elementos da articulação e da construção teológica que pautam a pneumatologia de José Comblin.

---

<sup>4</sup> THILS, G. *Théologie des réalités terrestres II : théologie de l'histoire*, Paris, Desclée de Brouwer, 1949. THILS, G. La Théologie de l'histoire. *Revue Ephemerides Theologicae Lovanienses* 26, 1950, p. 87-95.

<sup>5</sup> PEREIRA, P. C. *Pastoral urbana: uma abordagem a partir da obra do teólogo Joseph Comblin*. (Tese de Mestrado, UNICAP, 2011). p. 65. Afirma Pereira: “Comentando sobre a obra de Heer, Comblin afirma: ‘Ali era para mostrar que todas as revoluções estão no Evangelho, tudo o que acontecia na Europa, contra as Igrejas, contra as Instituições, mas seguindo justamente toda a linha e cada geração’. Então eu disse quem foram as vítimas, os perseguidos, os maltratados e às vezes conseguia formar um grupo. Era interessante porque não ensinava isso nas escolas oficiais, simplesmente porque se pensava que ali estavam as heresias. Então isso me abriu muito, justamente sobre o mundo paralelo, que acreditava não estar na história da ortodoxia”.

<sup>6</sup> COMBLIN, J. *Le témoignage et l'Esprit*. Paris: Éditions Universitaires, 1964.

<sup>7</sup> COMBLIN, J. *O Espírito Santo na Tradição de Jesus*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2012. Em “LIBANIO, J. B. O Espírito Santo e a tradição de Jesus: apreciações. *Revista Eclesiástica Brasileira*, 289 (2013)”, o leitor encontrará uma apreciação da obra.

## Pneumatologia e práxis humanas

É dentro do momento histórico acima apresentado que queremos situar o desenvolvimento e a consolidação da pneumatologia de José Comblin. Em seu pensamento, não há como pensar o Espírito separado da ação. De forma clara, ele afirmará: “Uma teologia da ação é uma teologia do Espírito”<sup>8</sup>.

Ainda que a etapa de consolidação apareça mais claramente a partir dos anos 1980 e 1990, o tema do Espírito não é novo em sua obra. Observando sua metodologia de trabalho de voltar em momentos distintos aos mesmos temas – o que nos permite afirmar que Comblin escreve em processo – e analisando o conjunto de sua produção, podemos afirmar que, embora seja abordado por distintas perspectivas e de forma inconstante, o tema do Espírito perpassa continuamente seu pensamento. Ele dedica seu primeiro livro a essa questão, *Le témoignage et l'Esprit*<sup>9</sup>, que foi publicado no início de sua trajetória em 1964, da mesma forma que retoma o assunto em seu último livro, não finalizado por ele e publicado de forma póstuma em 2013 (*O Espírito Santo na tradição de Jesus*<sup>10</sup>). Comblin mesmo determina o peso do tema do Espírito em sua obra, afirmando:

Quase todos meus livros foram escritos por encomenda. A única coisa que partiu de mim mesmo, foi o que desejava deixar como tratado sobre o Espírito Santo, ou seja, uma pequena contribuição de minha parte para a Pneumatologia<sup>11</sup>.

Dessa forma, em sua obra, o Espírito Santo aparece no fundo de todas as questões. Contudo, é em relação à ação humana que Comblin estabelece “sistematicamente” uma racionalidade teológica para a ação do ES no mundo, na Igreja e nas pessoas, compreendendo-se essas três vertentes de forma intrinsecamente ligadas. Outros autores latino-americanos prescrutaram<sup>12</sup> a ação do ES na História sem, entretanto, especificar como se viabilizaria esse movimento para sua transformação.

Dada a importância do tema considerado pelo autor dentro do conjunto de sua obra, ainda que conscientes da densidade e da amplitude de elementos que ele traz consigo, decidimos, em relação a este texto, deter-nos estritamente na apresentação da compreensão pneumatológica de Comblin.

Um primeiro elemento introdutório a considerar é a avaliação de Comblin acerca da recuperação da visão cristológica e pneumatológica da ação, recuperação essa que se fez necessária, segundo nosso autor, a partir do momento em que houve a identificação do fato eclesiológico<sup>13</sup> pela teologia ocidental, o qual foi reforçado no Vaticano II à luz da expressão dual “Igreja no mundo”<sup>14</sup>. Esse momento foi importante para corrigir o desequilíbrio mantido durante dezenove séculos entre o estudo da Missão do Filho e o Espírito Santo por parte da teologia cristã. A primeira se desenvolveu de maneira ampla, mas não gerou uma profundidade

<sup>8</sup> COMBLIN, J. *Tiempo de acción*, p. 14.

<sup>9</sup> COMBLIN, J. *Le témoignage et l'Esprit*. Paris: Éditions Universitaires, 1964. Neste livro, Comblin aborda a questão do Espírito polarizada entre a evangelização e o testemunho. Respeitando seu estilo de construção teológica, parte da fundamentação bíblica para demonstrar a diferença entre os dois e a situação do ES frente a essas duas realidades. Igualmente, já colocava em questão nessa época o esquecimento do ES no contexto de testemunho e da ação humana que deve sempre impulsionar a ação da Igreja e o cristianismo.

<sup>10</sup> COMBLIN, J. *O Espírito Santo na tradição de Jesus*, p. 11. Afirma Mônica Mugler na introdução da obra: “Um dia, perguntado sobre qual de seus livros considerava o melhor, Comblin respondeu: ‘Este que estou escrevendo’”. Desejava completar o conjunto de suas obras sobre o Espírito”.

<sup>11</sup> COMBLIN, J. *O Espírito Santo na tradição de Jesus*, p. 13.

<sup>12</sup> Notadamente Victor Codina, que afirma que o Espírito Santo age desde baixo, desde a História. Nesse ponto preciso, converge para Comblin e os padres da Patrística. Sem estabelecer como, percebe antes o movimento da ação do Espírito Santo nas comunidades de base e nos pobres latino-americanos. Ver: CODINA, V. *Não extingais o Espírito Santo: iniciação à pneumatologia*. São Paulo: Paulinas, 2010.

<sup>13</sup> COMBLIN, J. *Tiempo de acción*, p. 22. Vale ressaltar que, na obra *El Espíritu Santo y la liberación*, em especial no cap. III, Comblin tratará de toda a fundamentação do Espírito na Igreja.

<sup>14</sup> COMBLIN, J. *El Espíritu Santo y la liberación*, p. 31.

pneumatológica equivalente. Comblin afirmará: “Das duas mãos de Deus, uma ficou escondida e a outra monopolizou a atenção. A nossa teologia sofre de um desequilíbrio crônico até agora sem remédio”<sup>15</sup>.

Por isso, a seu ver, a verdadeira questão pneumatológica que deve ser retomada pode ser expressa em dois pontos: 1) a relação entre Espírito Santo e mundo, e 2) como a Igreja compreendida pelo Povo de Deus se coloca diante do desafio de reencontrar seu lugar sob a força do Espírito Santo<sup>16</sup>. É dentro desse processo de ressituação da vertente pneumatológica (na qual se situa Comblin) que vamos refletir sobre a relação ES × História e ação humana.

### **Fundamentação pneumatológica e cristológica para a ação**

Para nosso autor, somente é possível compreender o alcance da ação humana a partir da referência à sua origem, que está situada em Deus mesmo. A mensagem principal sobre Deus é que Ele é ação e atua neste mundo, no presente da História junto a seu povo. Essa expressão é dada desde o Antigo Testamento e clarificada no Novo, nas pessoas do Filho e do Espírito Santo. É através de ambos que Deus atua e liberta seu povo. Comblin retoma a expressão de Santo Irineu<sup>17</sup>, segundo a qual o Pai atua por intermédio de suas duas mãos: o Verbo e o ES. Ambos atuam conjuntamente. Não são idênticos; cada um produz uma ação diferente e eles se complementam produzindo um resultado final<sup>18</sup>.

Por essa razão, as missões do Filho e do Espírito Santo são derivadas de Deus, na dinâmica trinitária das missões e processões. O Pai existe na ação pela qual engendra o Filho, e ambos dão origem ao Espírito Santo. Ora, uma vez que as duas missões são uma prolongação das ações do Pai, podemos afirmar que ele está comprometido e imerso em sua ação com o mundo não somente para conservá-lo, mas para transformá-lo e passá-lo da morte à vida, da escravidão à liberdade. Por consequência, as noções de imutabilidade e impassibilidade de Deus só podem ser compreendidas a partir do primado da ação. Deus se define por sua paixão pelo mundo, e sua imutabilidade consiste na constância dessa paixão. Ele se define por sua atividade total sem descanso, e sua impassibilidade consiste na perseverança na ação<sup>19</sup>.

### **Cristo como ação do Pai: fundamentação cristológica da ação**

O Filho atua pela encarnação, que revela o homem perfeito que supera infinitamente os demais seres humanos, antecipando a chegada da nova humanidade. Ele se converte no ponto de história da humanidade de onde parte o Evangelho. Do verbo de Deus procede a unidade que sai ao encontro da diversidade do ser humano com a finalidade de integrar e unificar o homem<sup>20</sup>. Ora, é através da prática que Jesus revela a ação do Pai. Jesus vem fazer e os Evangelhos o narram realizando sua missão (Hb 10,9). Ele atua pelos gestos e pela palavra, cria vida, recompõe corpos e pessoas. De forma inquestionável, podemos afirmar que, na missão (ação) do Filho, se encontram a ação do Pai, o rosto concreto do Povo de Deus e sua real libertação. A ação de Jesus se converte em ação libertadora do Pai, na qual a verdadeira ação e toda a história humana encontram sua imagem perfeita e sua inspiração<sup>21</sup>. E Cristo age impulsionado pela força do Espírito Santo, ungido em sua concepção e no

<sup>15</sup> COMBLIN, J. A missão do Espírito Santo. *Revista Eclesiástica Brasileira* 138 (1975), p. 288-325. Em especial, p. 293-296.

<sup>16</sup> COMBLIN, J. *Tiempo de acción*, p. 30.

<sup>17</sup> IRÉNÉE DE LYON. *Contre les hérésies: dénonciation et réfutation de la gnose au non menteur* (traduction française par Adelin Rousseau). Paris: Cerf, 1984. Sobre *La mano de Dios*: III. 21,10; IV. 39,2; V 5,2; 15,2-3; 16,1. Sobre *Las manos de Dios*: Hijo y Espíritu (Verbo y sabiduría): IV, 4; 7,4; V 1,3; 5,1; 6,1; 28,4.

<sup>18</sup> COMBLIN, J. *El Espíritu Santo y la liberación*, p. 185.

<sup>19</sup> COMBLIN, J. *Tiempo de acción*, p. 67.

<sup>20</sup> COMBLIN, J. *El Espíritu Santo y la liberación*, p. 185.

<sup>21</sup> COMBLIN, J. *Tiempo de acción*, p. 68.

batismo<sup>22</sup>, da mesma forma que o ES é enviado ao mundo inteiro para prolongar sua ação sobre a História através da ação humana.

## **O Espírito e a ação**

A ação humana que se baseia na prática de Jesus é impulsionada e sustentada pela missão do Espírito Santo. Ora, diferentemente do Filho, o ES não é encarnado no indivíduo concreto ou vinculado a um ponto determinado no espaço e no tempo. Ele fala na multiplicidade e cria um movimento de comunhão e de convergência a partir da imensa diversidade humana. Nesse sentido, Comblin afirmará que o ES existe na imperfeição do limite do mundo e do humano<sup>23</sup>.

Espírito quer dizer força ou ação. Logo, afirmar que Deus é Espírito significa afirmar que Deus é ação, energia e movimento. Enviando-o ao mundo, Deus envia o que é próprio de si mesmo: sua ação, origem e força que pulsam, animam, orientam e explicam a autêntica ação humana, que engloba a ação de Deus, pois ela é impulsionada pelo ES<sup>24</sup>.

O Espírito é então enviado para atuar e o faz através de nossas ações, uma vez que ele mesmo não tem as suas próprias. Por essa razão, nossas ações assumem um valor e uma importância muito mais ampla: elas são ações e se tornam missão do ES, que inspira a vida terrestre de Jesus e encontra continuidade na ação do mundo que refaz a História. As ações que realizamos no presente da História refletem a prática do Filho e a missão do ES, e estão ligadas à ação do próprio Deus<sup>25</sup>. Isso nos permite afirmar que o papel do ES é multiplicar a ação de Cristo na extensão da diversidade humana, reinventando-a e recriando-a através de nossas ações. São nossas ações, impulsionadas pelo ES, que recriam o mundo<sup>26</sup>.

Por isso, Comblin afirmará a revelação em duas fases. A primeira refere-se à revelação do Filho. Esse é o começo e a plenitude da revelação. O resto terá que ser criado e descoberto no processo da História. É isso que Paulo chamará de uma longa história de superação da Lei e a construção de uma nova forma de viver<sup>27</sup>. Portanto, a ação humana converte-se em testemunho, ou seja, é necessário que ela mesma revele a realidade de Jesus ao mundo. Assim, segundo Comblin, a ação humana não é algo ordinário, comum. À luz do Espírito Santo, ela sempre será testemunhal. Nesse sentido, faz-se necessário compreender mais amplamente o sentido da ação.

## **O sentido teológico da ação**

A ação humana, à luz do Espírito Santo e por ele impulsionada, baseia-se em dois pontos. É a ação que revela algo do sujeito que a realiza, e é realizando-a que o sujeito se constrói, se transforma e transforma o contexto no qual se encontra: essa é a ação que somente pode ser realizada pelo humano<sup>28</sup>. Por isso, a ação pensada à luz da teologia é necessariamente conversão, e não apenas uma parte de um processo biológico, psicológico e sociológico. Não se trata de uma simples reação humana diante do meio em que está inserido, mas ela exige a perspectiva da transformação do homem de maneira integral. Atuar é assumir parte da libertação de si mesmo e sentir-se responsável pela libertação dos demais; atuar é, finalmente, contribuir com uma pedra para a construção do projeto de Deus e de seu reino<sup>29</sup>. Nesse sentido, Comblin destacará que há dois sentidos teológicos intrínsecos à ação: o sentido bíblico e o sentido da esperança.

---

<sup>22</sup> COMBLIN, J. *El Espíritu Santo y la liberación*, p. 187-210.

<sup>23</sup> COMBLIN, J. *El Espíritu Santo y la liberación*, p. 186.

<sup>24</sup> COMBLIN, J. *Tiempo de acción*, p. 69-70.

<sup>25</sup> COMBLIN, J. *Le témoignage et l'Esprit*, p. 26.

<sup>26</sup> COMBLIN, J. *Tiempo de acción*, p. 71.

<sup>27</sup> COMBLIN, J. *A liberdade cristã*, p. 60.

<sup>28</sup> COMBLIN, J. *Tiempo de acción*, p. 73.

<sup>29</sup> COMBLIN, J. *Tiempo de acción*, p. 74.



## ***O sentido bíblico da ação na História***

São os textos bíblicos que nos dão fundamentos para a ação humana impulsionada pelo Espírito Santo quando afirmam como ponto central de sua mensagem a ação de um Deus e do ES na História que culmina na revelação do Filho. Ora, associada à ação de Deus, a história bíblica descreve também a história de homens que alcançam a liberdade fazendo-se Povo de Deus<sup>30</sup>. Essa afirmação nos leva à primeira constatação: a história bíblica trata em última instância da ação do ES que impulsiona a humanidade para sua libertação.

Finalmente, para Comblin, a Bíblia relata a ação do ES que desemboca no surgimento de uma ação humana específica: a ação do homem escravizado, oprimido, prisioneiro de si mesmo que se liberta de suas amarras e começa a afirmar-se como sujeito agente ou atuante. Isso nos leva a uma segunda constatação: a ação que constitui a História não é abstrata, mas realiza-se na história real e presente. Nesse sentido, é no presente da humanidade que o homem se liberta. A ação humana se converte em ponto de chegada de todo um passado para o qual, em realidade, convergem as esperanças. Ela condensa em si mesma a espera vivida no passado e se orienta ao futuro que é preparado pelo presente vivido. Ela é, finalmente, o enlace entre o presente e o futuro.

Por essa razão, pode-se falar de uma ação em sentido mais amplo: ela é toda a expressão do ES na pessoa humana e no presente da História. Pode ser uma oração, um ato de resistência, uma espera, uma afirmação, um testemunho. Ela é a expressão total do homem que entrega e retoma toda a vida doada em um instante para vivê-la intensamente, o que não nos permite reduzi-la a uma única formulação<sup>31</sup>.

## **A ação bíblica e o sentido da esperança**

A compreensão da História muda a partir da ótica de quem a analisa. Certamente, quando se escreve a História, o que se pretende, além de guardar os registros passados no presente, é também estabelecer – a partir de sua compreensão – uma relação com o futuro. O fato é que, para Comblin, esses registros podem ser lidos a partir de dois ângulos: o dos vitoriosos e o dos perdedores ou oprimidos.

Da parte da leitura realizada pelo ângulo vitorioso, registram-se as conquistas passadas e organiza-se o futuro a partir delas. Em outras palavras, não há desejo e expectativa de mudanças futuras. O que se deseja é a continuidade do *status quo*, do que privilegia os vencedores para que efetivem suas vitórias em seus mais diversos âmbitos. Nesse contexto, pretende-se unicamente a continuidade da situação vigente: o futuro esperado é repetição do presente e do passado.

Todavia, a leitura bíblica demonstra justamente o contrário: os israelitas são o único povo que escreve a História a partir de suas humilhações e faltas. Por isso, o sentido bíblico do futuro jamais será a continuação do presente, mas a busca pela realização das promessas de uma mudança de situação. O povo dos pobres, dos oprimidos, dos exilados no Egito, vive o presente da História como abertura ao mais além, como abertura ao novo. No futuro prometido por Deus, está a possibilidade da emergência da novidade, da mudança; no futuro, não haverá somente a debilidade dos pobres, mas haverá a forma como Deus chegará no imprevisto da História, através da ação humana.

Nesse sentido, a Bíblia fala de uma ação que é também espera. Não se trata de uma ação repetitiva, como a exercida pelos vitoriosos que atuam multiplicando as forças, mas de uma ação humana dos pobres, que convergem para o fator humano e a força da esperança que é dada pelo Espírito Santo. Na história da humanidade, o Evangelho-anúncio-proclamação-testemunho significa a chegada de uma palavra dos pobres ao mundo<sup>32</sup>. Afirmará Comblin:

---

<sup>30</sup> COMBLIN, J. *Tiempo de acción*, p. 114.

<sup>31</sup> COMBLIN, J. *Tiempo de acción*, p. 106.

<sup>32</sup> COMBLIN, J. *El Espíritu Santo y la liberación*, p. 95.

A ação verdadeiramente histórica não é o resultado da implantação de um sistema de poder, mas aquela que ousa desafiar os sistemas e sobrepassá-los. Fundamenta-se nas promessas e na esperança, antes que na força. Forja uma história sem saber como se forja. Atua na esperança e não somente na previsão [...]. O pobre não atua por estar seguro do resultado, mas o faz, apesar de estar completamente inseguro, esperando contra toda a esperança, aceitando antecipadamente uma nova derrota com a certeza de poder triunfar um dia. Essa é a história bíblica<sup>33</sup>.

## A relação entre Espírito e ação

Para Comblin, a análise da relação entre ES e ação se dá através de duas perspectivas que se interligam. A primeira se refere ao postulado da História como espaço de atuação do ES e, a partir dela, à relação efetiva entre ES e ação humana.

### A História como espaço do ES

Considerando que a História é o espaço de verificação da ação do ES, podemos afirmar, por conseguinte, que as ações do ES não são isoladas e descontextualizadas. Antes, são realizadas por e na História, influenciam-na e por ela são influenciadas, ao mesmo tempo que a constituem, seja de forma individual ou coletiva.

É nesse sentido que Comblin ressaltará que a visão da história do cristianismo é marcada por rejeição à modernidade, que a toma como uma sucessão de fatos e mudanças constantes que condenam a ação humana à ausência de valores absolutos. Da mesma forma, essa mesma modernidade rejeita a visão romântica e idealista que toma a História com uma verdadeira unidade, estruturada por um princípio imanente que não se refere a Deus. Nesse sentido, o que faz o cristianismo não é propor uma nova interpretação da História, mas discernir qual é o valor real dela através da ação do ES, que pode ser resumida ou explicada em duas palavras-chave: aceitar ou transformar. O cristianismo está aberto a aceitar a História para transformá-la<sup>34</sup>.

### Aceitar a História

O cristão aceita a História, o que nela ocorre e faz disso o ponto de partida da ação não de forma acrítica, mas pela compreensão de que ela é resultado de uma gama de forças que se cruzam e de ações humanas negativas e positivas. Somos chamados a atuar, em um lugar único, definido por ela e não em um contexto escolhido de acordo como nosso gosto<sup>35</sup>. É dentro desse movimento que o Espírito Santo nos leva a aceitar a História como ela é: um desafio.

A aceitação da História é um gesto cristológico: Jesus a aceitou com todas as condições más e de redenção que ali havia. Esse gesto marca a grande diferença entre o que parte dos fatos concretos e as ideologias que se pautam por racionalidades e outras interpretações da História<sup>36</sup>.

### Transformar a História

Desde o ponto de vista de Comblin, somente é possível transformar a História à luz da busca pela compreensão de sua racionalidade ou irracionalidade, a partir do ponto de vista oferecido pelo Espírito Santo, que é o ponto de vista dos pobres. O ES subverte o caminho das ciências à medida que se coloca ao lado dos que não têm ciência. Da mesma forma, os textos bíblicos ressitua a realidade e mostram a verdade histórica a partir

---

<sup>33</sup> COMBLIN, J. *Tiempo de acción*, p. 121.

<sup>34</sup> COMBLIN, J. *Tiempo de acción*, p. 93.

<sup>35</sup> COMBLIN, J. *Tiempo de acción*, p. 95.

<sup>36</sup> Cf. José COMBLIN, *Tiempo de acción*, p. 96.



dos pobres, homens e mulheres reais, e não de uma humanidade supostamente guiada pelas ciências, porém agindo segundo suas convenções ou interesses. O julgamento da História ocorre a partir do ponto de vista que somente os pobres podem ter. O papel que lhes cabe não é discutir sobre as ciências humanas ou os sistemas de análise, mas, a partir de sua própria existência, ser obstáculo para que as ciências possam revisar-se e transformar-se assim que os reconhecem.

O ES não propõe uma nova ciência; ele apresenta a todas as ciências o testemunho da realidade, o homem real tal como existe, diante de todas as teorias<sup>37</sup>. Do mesmo modo, ele não apresenta uma nova visão da História; ele obriga todas as visões a se submeterem a seu critério de realidade, a se voltarem para seu objeto real que é o humano. Segundo Comblin, é esta a maneira como o ES transforma a História: penetrando no interior de seus movimentos, ali onde se situa a ação humana para modificá-la, trazendo à tona seu objeto real.

### ***O discernimento: espaço de atuação do Espírito Santo***

Um elemento importante na dinâmica do discernimento para Comblin é reforçar que a ação do Espírito Santo não tira a autenticidade do humano. Dito de de outra forma, o ES não anula a decisão humana. A fim de dirimir qualquer má interpretação, Comblin expõe o processo de atuação do ES diante da ação<sup>38</sup>.

Segundo Comblin, o ES conduz a História através dos discernimentos e ações não por imposição, mas penetrando nas forças das ações humildes, modestas e geralmente escondidas das pessoas, colocando nelas um novo selo, o do verdadeiro sentido, da verdadeira e única continuidade real na história dos homens<sup>39</sup>. É confrontado pelos desafios da evolução do mundo que os cristãos praticam o discernimento. Discernir é encontrar o caminho da vida e da ação que se pode fazer diante do mundo que se deseja transformar. O discernimento é a novidade cristã no plano da ação<sup>40</sup>.

Comblin, retoma a perspectiva paulina para demonstrar que o discernimento está no centro da mensagem cristã e até que ponto está longe de ser um pragmatismo, uma vez que esta toca ao encontro fundamental entre Deus e o homem, que é o centro do Cristianismo.

Paulo, na primeira parte de suas Cartas (1Ts 5.19.22; Rm 12,2; Fl 1,9-11; Ef 5,10), expõe o conjunto do mistério de Cristo, afirmando que ele se faz realidade humana graças à ação, que a sua vez se define no discernimento. Depende do humano fazer realidade o mistério da salvação, e sua decisão se chama discernimento. Por essa razão, longe de ser uma espécie de oportunismo, o discernimento é o princípio fundamental do atuar cristão, tanto que esse atuar depende do Espírito Santo.

A lógica paulina mostra que o ES nos recorda o ensinamento de Jesus sob forma de ação nova a cada momento. A expressão “fazer a vontade do Pai” se desloca do teórico para o prático: não saberemos qual é a vontade do Pai até o momento em que se começa a ação; deve-se buscá-la em meio aos sinais que se encontram no mundo procurando responder às suas demandas. No caso específico do cristão, verifica-se que a vontade de Deus, que está por ser feita, é criada pelo ES. Nesse caso, discernir é criar um ato novo, que jamais é dado antecipadamente, nem pelo curso da História nem por mandato celestial<sup>41</sup>.

---

<sup>37</sup> Cf. José COMBLIN, *Tiempo de acción*, p. 101.

<sup>38</sup> A meu ver, este é o ponto de originalidade sistematizado por Comblin, isto é, *como* o ES atua na razão sem interferência na autonomia humana. Aí se encontra a diferença entre Comblin e os demais teólogos latino-americanos, especialmente Vitor Codina, quanto à explicação da ação do ES na realidade histórica.

<sup>39</sup> Cf. José COMBLIN, *Tiempo de acción*, p. 481.

<sup>40</sup> Cf. José COMBLIN, *Tiempo de acción*, p. 482. Afirma Comblin: “O. Cullmann decía, con justa razón, que el discernimiento es el corazón de la moral cristiana” (citando: Oscar Cullmann. *Christ et le temps : temps et histoire dans le christianisme primitif*. Neuchâtel-Paris, 1957, p. 164).

<sup>41</sup> Comblin recupera ahí la idea de la revelación en dos fases: la primera que se da por la Revelación del Hijo que aporta la salvación y la segunda que cabe al hombre realizar, a partir de la confrontación de la salvación con la historia y la realidad. Como tratamos en el ítem 4.31. de ese capítulo.

Se a História não estivesse aberta à ação do ES, ao imprevisto, ao não previsto, como nos postula o Novo Testamento, ela estaria antecipadamente escrita e definida, assim como a vida cristã só encontraria seu refúgio e sentido na meta-história, no mundo dos céus, eliminando diretamente o presente e sua possibilidade de transformação. Ora, uma das funções dos cristãos é a transformação do mundo. Por isso, a resposta ao discernimento consiste em uma ação transformadora e transformada do mundo: transformadora enquanto procede do ES e modifica o mundo, e transformada enquanto pertence ao mundo, porém a um mundo renovado.

Por isso, pelas ações novas advindas do discernimento, realiza-se o mistério pascal: morre o velho mundo e nasce um que é a realização atual da morte e ressurreição de Cristo. O mundo passa pelo batismo através do discernimento humano e, por essa novidade, ele é o modo pelo qual o cristianismo vive a esperança e o messianismo evangélico<sup>42</sup>.

Em resumo, a ação não cai do céu pré-formatada nem é revelada em forma de iluminação, como gostariam os que preferem manter o status quo. Antes, ela deve ser buscada, discernida, estudada no mundo exterior, o qual é preciso conhecer e provar com flexibilidade. O discernimento é a função pela qual se encontram a história de Deus e a dos homens, pela qual o Reino de Deus se desvela na Terra através das ações humanas discernidas no ES.

## Discernimento \* História e ação

Finalmente, cabe dizer as formas de articulação entre discernimento versus História e ação que, para Comblin, são possíveis a partir de três palavras-chave: rejeição, aceitação e equilíbrio em relação à História.

### A rejeição à História

Não foram poucos os momentos em que a Igreja rejeitou a História. Contudo, o mais importante é que esses movimentos não partiram da Igreja institucional, mas da Igreja dos pobres, das massas de cristãos, que nos diversos momentos se movimentaram para trazer a Igreja mesma de volta à sua centralidade<sup>43</sup>. O que as elites consideram como falta de cultura ou ignorância é ação movida em nome da História que não provém simplesmente dos prejuízos contra as elites, mas da fé inspirada pelo Espírito Santo. A rejeição à história instituída provém do critério da Cruz, que indica de que lado se coloca a salvação (*Theologia crucis*). Nesse caso, o discernimento consiste mostrar que existem critérios claros de lados e tomadas de postura práticas.

### A aceitação da História

A segunda perspectiva, a aceitação da História, não trata de abandonar a mensagem cristã; busca, antes, reconhecer o que na História pode constituir uma mediação válida para o Reino de Deus. De outra forma, o discernimento consiste em reconhecer tudo o que é aberto ao Espírito Santo na irrupção da história. Mesmo na ambiguidade da realidade, reconhecer o que apresenta a marca do ES criador (*Theologia Glorise*): apesar de tudo, ainda se pode proclamar a vitória de Cristo nesta mesma História.

---

<sup>42</sup> Cf. José COMBLIN. *Tiempo de acción*, p. 487. Afirma Comblin: “El discernimiento muestra que algo nuevo es posible y que el cristianismo no está agotado por su pasado. Puede todavía crear algo nuevo. La vida del cristiano consiste precisamente en hacer surgir algo nuevo”.

<sup>43</sup> Cf. José COMBLIN, *Tiempo de acción*, p. 488-489.

## O equilíbrio na História

A terceira e última perspectiva, é o momento em que os cristãos transformam a História e o mundo por inteiro, ou o momento em que o mundo se deixa transformar pelos cristãos. Aí se produz o que Comblin chamará de espécie de fusão entre a espiritualidade cristã e a espiritualidade da cultura do mundo, um movimento que desvelará uma forma complexa e múltipla, em que se situa a ação da imensa maioria dos cristãos.

## Considerações finais

Como dissemos no início, nosso objetivo era oferecer aos pesquisadores e interessados pelo pensamento de Comblin um itinerário estruturado sobre os elementos teológicos e particularidades que compõem sua pneumatologia.

Acreditamos poder afirmar que, para além da originalidade de seu pensamento sobre o Espírito, este instrumental teológico abre novas possibilidades para a reflexão eclesiológica central: a Igreja somente se coloca em ação no mundo porque é constituída por homens e mulheres que se deixam colocar na dinâmica do Espírito Santo.

A partir dessa perspectiva, pode-se compreender a Igreja tal como ela é: Povo de Deus a caminho, que contribui através de sua ação, a cada geração, para a transformação das realidades e contextos em que se encontra buscando o desvelamento do Reino de Deus na História e realizando a missão de anunciar a pessoa de Jesus. De forma específica, o olhar de Comblin vislumbra uma nova comunidade eclesial formada por seguidores e seguidoras de Jesus que, impulsionados pelo ES, assumem seus ensinamentos e se tornam profetas do tempo presente.

Finalmente, destacamos a atualidade da pneumatologia de Comblin, considerando o momento presente da Igreja nas chaves que nos vem oferecendo o papa Francisco: “uma Igreja em saída”, “hospital de campanha”, “mãe e acolhedora”, “de todos, todos e todos”, e finalmente “sinodal”. Pensamos que isso somente é possível desde que o Povo de Deus a constitua, tome consciência e se coloque mediante a ação do ES em outro estágio de discernimento e práxis<sup>44</sup>.

## Referências

COMBLIN, J. *Le témoignage et l'Esprit*. Paris: Éditions Universitaires, 1964.

COMBLIN, J. A Missão do Espírito Santo. *Revista Eclesiástica Brasileira* 138 (1975).

COMBLIN, J. *Tiempo de acción*: ensayo sobre el Espíritu y la historia. Lima: CEP, 1986.

COMBLIN, J. *El Espíritu Santo y la liberación*. Madri: Ediciones Paulinas, 1987.

COMBLIN, J. ¿Un día vendrá otro Juan XXIII? No hay ninguna previsión posible por el momento. *Revista Vida Pastoral*, 257 (2006), edición argentina.

---

<sup>44</sup> Oferecemos ao leitor/pesquisador um exemplo desta afirmação, destacando quatro artigos da produção teológica da autora que são permeados pela pneumatologia de Comblin:

SOUZA, A. O Espírito que impulsiona a sinodalidade. *Ciberteologia*, São Paulo, v. 71, p. 23-31, 2023.

SOUZA, A. Puebla 40 anos: resistência e colegialidade sinodal na América Latina. *REFLEXUS*, v. 23, p. 109-125, 2023.

SOUZA, A. Formação de “missionários profetas”: a centralidade das narrativas no método de formação das EFM do Nordeste do Brasil. *TEOLITERÁRIA*, v. 8, p. 65-91, 2018.

SOUZA, A.; ARAGÃO, G. Fazer a Igreja Católica se mover: a pertinência do Evangelho no mundo contemporâneo. *Paralellus* (online), v. 9, p. 667-697, 2018.

SOUZA, A. A prática de Comblin: a Igreja no chão da realidade. *Horizonte*, v. 15, p. 557-605, 2017.

- COMBLIN, J. *O Espírito Santo na tradição de Jesus*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012.
- CODINA, V. *Não extingais o Espírito Santo*: iniciação à pneumatologia. São Paulo: Paulinas, 2010.
- CONGAR, Y. *Creio no Espírito Santo I*: revelação e experiência do Espírito. São Paulo: Paulinas, 2005.
- IRÉNÉE DE LYON. *Contre les hérésies*: dénonciation et réfutation de la gnose au non menteur (traduction française par Adelin Rousseau). Paris: Cerf, 1984.
- LIBANIO, J. B. O Espírito Santo e a tradição de Jesus: apreciações. *Revista Eclesiástica Brasileira* 289 (2013).
- PEREIRA, P. C. *Pastoral urbana*: uma abordagem a partir da obra do teólogo Joseph Comblin. (Dissertação de Mestrado). UNICAP, 2011.
- SOUZA, A. O Espírito que impulsiona a sinodalidade. *Ciberteologia*, São Paulo, v. 71, p. 23-31, 2023.
- SOUZA, A. Puebla 40 anos: resistência e Colegialidade Sinodal na América Latina. *REFLEXUS: Revista semestral de teologia e ciências das religiões*, v. 23, p. 109-125, 2023.
- SOUZA, A. R. Formação de “missionários profetas”: a centralidade das narrativas no método de formação das EFM do Nordeste do Brasil. *TEOLITERÁRIA: Revista Brasileira de Literaturas e Teologias*, v. 8, p. 65-91, 2018.
- SOUZA, A.; ARAGÃO, G. Fazer a Igreja Católica se mover: a pertinência do Evangelho no mundo contemporâneo. *Paralellus* (on-line), v. 9, p. 667-697, 2018.
- SOUZA, A., A prática de Comblin: a Igreja no chão da realidade. *HORIZONTE: Revista de estudos de teologia e ciências da religião* (on-line), v. 15, p. 557-605, 2017.
- THILS, G. *Théologie des réalités terrestres II*: théologie de l’histoire. Paris, Desclée de Brouwer, 1949.
- THILS, G. La Théologie de l’histoire. *Revue Ephemerides Theologicae Lovanienses*, 1950, p. 87-95.
- 

**Editor responsável:** Waldir Souza

RECEBIDO: 24/11/2024  
APROVADO: 04/04/2025  
PUBLICADO: 30/04/2025

RECEIVED: 24/11/2024  
APPROVED: 04/04/2025  
PUBLISHED: 04/30/2025